

## A revitalização do romance *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas: contexto e perspectivas

Sarah Fontenelle Catrib<sup>1</sup>  
Allan Jonhnatha Sampaio de Paula<sup>2</sup>  
Yls Rabelo Câmara<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de investigar o resgate do primeiro romance brasileiro de literatura fantástica, *A Rainha do Ignoto*, da autora cearense Emília Freitas, a partir da perspectiva de três pesquisadores envolvidos nas publicações mais recentes dessa obra. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos de pesquisa em tela e os dados provenientes dessa coleta foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), ancorando-nos teoricamente em Candido (2019), Cavalcante (2008) e Duarte (2003), dentre outros. Concluímos que tanto os entraves como os fatores para a reverberação do romance enquanto obra literária dentro do cenário nacional perpassa fatores sociais e políticos e que a produção de Emília Freitas pode ser pensada na atualidade, quando são reavivados e ressignificados consoante um novo olhar sobre a Literatura Brasileira.

Palavras-Chave: *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; Literatura de Autoria Feminina; Literatura Fantástica; Revitalização.

### 1. Introdução

Nos últimos anos, a questão do feminino vem ganhando cada vez mais destaque nos debates públicos e na Academia, fazendo com que surjam pesquisas relacionadas aos conteúdos feministas e à atuação da mulher nas mais diversas searas. Nesse contexto, no campo dos estudos literários, a produção de mulheres vem sendo bastante valorizada, seja apoiando a produção feminina contemporânea, seja resgatando obras escritas por mulheres em tempos passados.

A escritora sobre cujo *Magnum Opus* nos debruçamos, Emília Freitas, é uma dessas mulheres que vêm sendo paulatinamente trazidas à luz a partir do limbo para onde outrora a relegaram. Assim como ela, outras igualmente importantes, mas inexoravelmente obnubiladas pelo Cânone Literário Ocidental, estão passando pelo mesmo processo de (re)valorização.

O romance *A Rainha do Ignoto* foi primeiramente publicado em 1899 com o subtítulo “Um romance psicológico”, à luz de um estilo narrativo que somente se consolidaria décadas depois, com modernistas como James Joyce e Virginia Woolf. Contudo, sua narrativa

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: sarahfcatrib@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: allanjonhnatha@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará; Doutora Cum Laude em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones pela Universidad de Santiago de Compostela. E-mail: ylscomara@hotmail.com

psicológica aproxima-se bem mais de uma escrita intimista, trazendo recorrentemente elementos do Romantismo (como um saudosismo à juventude, amores que reverberam por toda a vida e melancolia, dentre outros).

De fato, uma caracterização profunda e sentimental de suas personagens é desenvolvida. Estas, por sua vez, perpassam pelo seguinte enredo principal: um jovem de nome Edmundo, habituado aos costumes da urbe, decide visitar as terras de sua família em uma pequena cidade interiorana chamada Passagem das Pedras, na província cearense. À noite, quando todos já dormiam, Edmundo enxerga, flutuando em um pequeno barco, às margens do Rio Jaguaribe, uma delicada moça vestida em trajes leves e claros e que entonava uma canção triste e melodiosa em francês. Depois do episódio dessa noite, Edmundo embarca em uma jornada para desvendar os mistérios dessa moça, chamada ora de fada, ora de bruxa, que teria “um pacto com Satanás” e quais as suas relações com o vilarejo e as pessoas do lugar.

Com o passar das páginas, vemos Edmundo descobrir que aquela ignota criatura é a líder de um grupo de mulheres que habitavam uma ilha secreta na costa cearense, encoberta por uma constante névoa: a Ilha do Nevoeiro. Nenhum marujo ou navegante pisava ali sem ser antes hipnotizado pelas guardiãs do lugar. Juntas, essas mulheres, chamadas de “paladinas do nevoeiro”, cruzavam o litoral brasileiro chefiadas pela *Rainha do Ignoto*, também chamada de Diana, resgatando homens e mulheres brancos e pobres, negras e negros escravizados, vítimas de situações de injustiça e impunidade. Deparamo-nos com inúmeras personagens resgatadas – muitas delas, mulheres vítimas de relações abusivas por parte do elemento masculino. As paladinas coadunavam com o espiritismo, o republicanismo e o abolicionismo em um Brasil monárquico, escravista e católico.

Narrada em terceira pessoa, com capítulos curtos e ágeis, o romance guarda diversas características românticas com o período no qual já predominavam o Realismo e o Naturalismo – na percepção de muitos críticos. Encontramos personagens impacientes e inconformadas com a sua condição subalterna enquanto mulheres, como a amargurada e enferma Virgínia, ou mesmo personagens idealistas como a inocente Carlotinha. O romance explora diversas temáticas, desde o mal-estar da modernidade até a desigualdade das relações de gênero e o cotidiano interiorano do Ceará, além de ser ambientado em diversas cidades brasileiras – como Manaus, onde Emília Freitas residiu e escreveu sua obra magna.

A *Rainha do Ignoto* remete-nos a outras obras como *As Brumas de Avalon* (1982), de Marion Zimmer Bradley, ou mesmo *Terra de Mulheres* (1915), de Charlotte Perkins Gilman. São obras posteriores à que ora analisamos, mas que revelam características em comum, como

a presença de uma ilha mítica, presente em várias outras culturas antigas por estarem em lendas vetustas.

Nos elementos que antecedem o romance, Emília Freitas demonstra sua consciência sobre seu lugar de fala enquanto escritora e intelectual. Ao dedicar sua obra “[...] aos gênios de todos os países e, em particular, aos Escritores Brasileiros” (FREITAS, 2003, p. 16), a autora exprime-se com ironia, afrontando a própria comunidade intelectual brasileira, majoritariamente formada por homens. Ela ainda se compara a uma camponesa que entrega um ramalhete a um grande monarca, demonstrando também que sua postura pode resguardar valor em local singelo, porém não menos valorativo. O discurso, claro, pode igualmente ser interpretado sob um profundo e perspicaz viés irônico.

A autora ainda parece ter noção sobre como sua obra é destoante se comparada ao restante da produção literária no Brasil daquele momento. Na apresentação do romance, Freitas afirma:

Meu livro não tem padrinho assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria sem atavios emprestados do pedantismo charlatão. Não é, tampouco, o conjunto das impressões recebidas nos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades; porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola de subúrbio; é antes a cogitação íntima de um espírito observador e concentrado, que (dentro dos limites de sua ignorância) procurou, numa coleção de fatos triviais estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa (FREITAS, 2003, 17).

Ela inicia afirmando que seu livro não recebeu mediação de pessoa alguma que pudesse lhe conferir lugar de maior prestígio dentro do cenário intelectual brasileiro, ao afirmar que ele “não tem padrinhos”, como também reafirma a linguagem direta da obra “sem atavios de pedantismo charlatão”. (FREITAS, 2003, p. 19). De fato, o romance *A Rainha do Ignoto* traz agilidade e riqueza de ações em suas páginas, sem apostas em grandes e detalhadas descrições de ambientes que se estendem por páginas.

Emília Freitas ainda discute sua obra como uma criação que nasce dentro de um seio popular, longe dos “[...] salões, nos jardins, nos teatros [...] escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola de subúrbio” (FREITAS, 2003, p. 21), reverberando o lugar de onde fala: o de professora, uma mulher de caráter “observador e concentrado”, atenta e ativa em relação ao seu tempo. Nesse sentido, ela parece ter traços de uma consciência sobre o próprio lugar marginalizado que sua obra ocupa: sem padrinhos, sem seguir a criação literária hegemônica e, para ela, pedante, charlatã, e claro, cunhada pelas mãos dos escritores brasileiros a quem ironicamente dedica a obra.

A escritora ainda reconhece a mulher como uma criatura sempre sensível e que por vezes delinea caminhos pela fantasia, como ela mesma constrói seu romance. A sensibilidade que ela menciona é reforçada pela atenção que afirma ter constituído na formulação d'*A Rainha do Ignoto*, composta com base em “fatos triviais” e que, por isso mesmo, indicam o caráter singelo que ela referênciava na dedicatória de sua criação.

Por todo esse arcabouço, *A Rainha do Ignoto* é considerado o primeiro romance de literatura fantástica e ficção científica do Brasil. Esta obra de Emília Freitas ainda pode ser analisada como utópica pela impressionante mecânica social narrada na Ilha do Nevoeiro, onde as mulheres assumem todos os cargos possíveis – desde maquinistas e professoras a juízas. São as donas de suas próprias existências. Essa é uma narrativa que, longe dos grandes eixos intelectuais do país, demonstra uma aura de mistério e magia muito além de sua época e de sua cultura intelectual e literária, que certamente abriria muitas divergências quanto a sua validade enquanto criação digna de leitura e reverberação.

Diante de todas essas peculiaridades desse romance, que vão desde a temática até os mistérios das publicações, e com o intuito de melhor expor os resultados de nossa investigação, esse trabalho está dividido em quatro partes, a saber: (1) Introdução; (2) Marco teórico, que por sua vez está dividido em duas partes (uma que se dedica à autora, e outra que tem como objetivo apresentar a obra em questão); (3) Procedimentos Metodológicos, onde delineamos a pesquisa como sendo qualitativa, exploratória e de campo; (4) Análise de dados, seção na qual são descritos e analisados os dados da coleta com os entrevistados, que delineiam a base analítica de nosso artigo; e (5) Conclusões, onde são apontadas algumas considerações feitas a partir da análise dos dados e das leituras sobre a obra.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Algumas Linhas sobre Emília Freitas

Emília Freitas nasceu em 11 de janeiro de 1855, em território então pertencente a Aracati, no estado do Ceará, mas que hoje equivale ao município de Jaguaruana. Filha do Tenente-Coronel Antônio José de Freitas e de Maria de Jesus Freitas, a futura escritora perdeu o pai muito cedo, aos catorzes anos de idade. Passando por dificuldades financeiras, sua família mudou-se para Fortaleza, onde Emília teve a oportunidade de estudar na Escola Normal, aprimorando-se nos estudos de Francês, Inglês e Geografia.

Ainda em Fortaleza, passou a publicar produções poéticas em diversos jornais como *O Lírio*, *O Cearense*, *O Estado do Ceará*, *O Libertador* e *A Mocidade*, dentre outros.

Seus versos exprimiam certa melancolia e desconforto diante de algumas das dificuldades pelas quais passou – dentre elas, a morte de quatro irmãos ao longo de sua vida. Ela dedicou seus poemas a eles, aos avós e aos pais. Entre os comentários sobre a sua obra, havia elogios e críticas (CASTRO, 2019).

Foi também na capital cearense que nossa autora passou a se envolver em causas políticas e sociais de maneira cada vez mais incisiva. Não por acaso, Emília Freitas assumia uma postura republicana e abolicionista: “Retomando o fio da infância, é importante reiterar que assuntos relativos à escravidão, à política e ao universo letrado eram abordados no ambiente doméstico da família Freitas” (CAVALCANTE, 2008, p. 31). Portanto, o posicionamento político de sua família influenciou sua postura enquanto intelectual.

A escritora de *A Rainha do Ignoto* ainda chegou a ser convidada para integrar a solenidade de instalação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, em 1883, ocupando o lugar de oradora. Além disso, participou de diversos eventos semelhantes e chegou a imprimir, em seus versos, facetas de sua visão de mundo sobre progresso e inclusão. Em um de seus poemas, intitulado *A mãe escrava* (1877), ela compôs, na última estrofe, os seguintes versos: “Desde então, via n’uma praça / Os escravos marchando p’ra o mercado, / Minh’alma sentia em desespero / E soltava de horror meu triste brado.”. (FREITAS *apud* CAVALCANTE, 2008, p. 173). Por sua atuação como poetisa em diversos eventos afins, recebeu a alcunha de “poetisa dos escravos”.

Emília Freitas assumia uma ideia de progresso aliada a uma percepção integrada da sociedade, que incluía a abolição da escravatura para negros e negras, bem como a emancipação para as mulheres. Assim, ela se integrava em espaços de domínio patriarcal e ganhava proeminência no meio intelectual fortalezense. Esse é um ponto fundamental para que pensemos sobre os espaços intelectuais de poder da época e como o silenciamento de narrativas e vivências a foram conduzindo ao apagamento, conforme aponta Marques (2018) acerca da história da Literatura Cearense:

Uma história que, embora levasse o nome do estado, nunca saiu dos limites de Fortaleza e sempre contou a história dos homens e para os homens que se movimentavam numa esfera pública atrelada à política e às belas letras que, aos poucos, foi se tornando relativamente autônoma, sempre acompanhada do protagonismo da imprensa local. É uma história das associações desses homens e de como eles souberam se articular entre si para garantir público e reconhecimento dentro e fora da província (MARQUES, 2018, p. 74-75).

Diante da grande estiagem que assolou o Ceará entre 1899 e 1890 e da morte de sua mãe, Emília e seu irmão Afonso Américo embarcam para Manaus, onde ela passou a lecionar

no Instituto Benjamin Constant. Naquele ambiente economicamente próspero, onde o capital oriundo do Ciclo da Borracha financiava a Arte que a *Belle Époque* sofisticava, “Emília Freitas, ao residir na ‘periferia’ e ao trabalhar com ensino, além de ser uma escritora sensível para com as questões sociais, acompanhou a segregação social acentuada pela modernização e o progresso de Manaus.”. (CAVALCANTE, 2008, p. 97). Foi na região amazônica que a sensível professora também entrou em contato com a doutrina espírita, baseada nos escritos de Allan Kardec.

Foi com essas vivências que Emília escreveu acerca das experiências de professora em uma nova cidade e das desigualdades sociais que via. O romance *A Rainha do Ignoto*, escrito às margens do Rio Negro, como bem dizia a autora, e lançado em Fortaleza em 1899, recebeu críticas mistas. No ano seguinte, ela casou-se com Anthonio Vieira aos quarenta e cinco anos – idade considerada avançada na época para uma mulher consolidar-se em um matrimônio.

Ela retornou com seu marido para Fortaleza em 1900, onde continuou suas publicações, apesar de uma significativa redução. Isso também foi um reflexo do grande empenho do casal em difundir o espiritismo pelo Brasil, publicando jornais e organizando associações sobre o assunto. Segundo Cavalcante (2008, p. 130), “[...] essa perspectiva religiosa do casal reitera algumas das ideias da escritora, presentes em sua literatura como a crítica à “ambição material” e a “resignação entre os pobres.”. Em 1902, o casal voltou para a região Norte do país, dessa vez para o estado do Pará. Assim como em Manaus, Emília continuou publicando, então voltada para produções espíritas, tal e como já havia iniciado no Ceará. Em 1908, veio a falecer no dia 18 de agosto, depois de contrair malária, mas não ter conseguido curar-se a tempo.

Além de seu romance, Emília publicou um conto, bem como o livro de poemas *Canções do lar* (1891) e outro romance, *O renegado* (1892), sem registro algum senão notas de sua fortuna crítica. Mesmo com uma produção significativa e participação no pungente meio intelectual de Fortaleza, principalmente na década de 1880, Emília foi olvidada das páginas da história de nossa Literatura. Apenas recentemente a autora vem voltando aos poucos aos holofotes da historiografia literária brasileira com seus escritos de excelência e que endossam a escritura de autoria feminina, ganhando mais espaço e inúmeras republicações de sua obra-prima.

## 2.2 As Edições de *A Rainha do Ignoto*

A primeira edição d’*A Rainha do Ignoto* foi publicada em 1899 pela Typographia Universal, em Fortaleza. Emília Freitas, mesmo morando em Manaus, optou por publicar seu



romance em sua terra natal, em meio aos contatos e relações que mantinha. Na época, o romance teve uma recepção morna, tendo recebido uma crítica pífia.

Carla Castro, estudiosa cearense da escrita de autoria feminina, investigando sobre a vida de Emília Freitas, encontrou uma crítica sobre o romance no jornal *A Província*, de Recife, datada de 04 de agosto de 1900. Nela, apesar de apontar que “[...] será grande o número dos seus leitores interessados, porque hoje, como sempre, as narrativas de phantasmagorias e encantamentos encontram por toda parte espíritos predispostos a recebê-lo com sympathia”, também se afirmou que a escritora “[...] teria acertado melhor se aplicasse o seu bello talento n’um trabalho de mais observação e menos ficção.” (CASTRO, 2019, p. 170). Esses comentários, muito provavelmente, sugerem uma produção literária por parte de Emília Freitas mais voltada para a poesia, dado seu histórico de poetisa.

Por outro lado, outra crítica encontrada por Castro (2019) revela uma opinião distinta acerca do êxito da obra, desta vez, pertencente ao jornal *A Tribuna*, do Rio Grande do Norte, também datada de 1900, onde afirma-se: “*A Rainha do Ignoto* não é um romance que agrade ao espírito da época. Não é, francamente, um livro de fazer sucesso no mundo litterario.” (CASTRO, 2019, p. 172). A crítica ainda completa afirmando que a “pedra de toque” do romance é o tema do amor, onde “[...] disse algumas verdades, indubitavelmente, mas phantaziou muito”, consolidando outra ideia: “O espírito da mulher tende demasiado para o romantismo, e nisso está a dificuldade de filiar-se à eschola naturalista” (*idem*), a tendência literária valorizada na época. Isso reforça muitos pensamentos acerca de uma suposta “literatura feminina” que se estenderia doravante em análises de diversos intelectuais.

A título de exemplo, o *The Times Literary Supplement*, em 17 de outubro de 1918, lançou uma resenha de Virginia Woolf acerca da obra *The Women Novelists*, de R. Brimley Johnson, na qual destaca do livro passagens como essa: “As mulheres são pregadoras inatas e sempre trabalham por um ideal.”. A resenha problematiza a questão de supostas características inatas de mulheres escritoras, chegando a afirmar que:

Como Mr. Brimley Johnson nota várias vezes, a escrita de uma mulher é sempre feminina; não pode deixar de ser feminina; nos melhores casos, é extremamente feminina; o único problema é definir o que queremos dizer com “feminina.” (WOOLF, 2020, p. 29).

Woolf ainda assevera que cada sexo “descreve a si mesmo” (2020, p. 30), de forma a pensar que homens e mulheres carregam não uma determinação, mas vivências que dissipam suas visões de mundo em torno das relações, atividades e limites que cada sujeito possui. A visão de uma “literatura feminina” apresentou-se problemática em seus primórdios e essa

impressão perdurou, ainda que não tenha prevalecido, pelo panorama que foi se formando aos poucos. Isso, somado a um gênero especulativo de fantasia do romance, pouco usual no Brasil de então, além de ter sido lançado longe dos grandes centros intelectuais do país – eixo Rio-São Paulo – pode ter contribuído para o apagamento da memória de Emília Freitas e de sua obra na historiografia canônica da literatura nacional. Essa teoria é endossada por Cavalcante (2008) e Duarte (2003).

Foi apenas na década de 1950, com Abelardo Montenegro, que Emília voltaria a ser comentada. Contudo, o crítico fez uso de posições negativas, o que manteve a autora longe de estudos e leituras por mais três décadas, até que Otacílio Colares lançasse uma segunda edição d'*A Rainha do Ignoto*, tomando a liberdade de “[...] omitir parágrafos e mudar palavras e pontuações, alterando a estrutura do texto original.” (MEIRELES, 2020, p. 11).

A pesquisadora Constância Lima Duarte encontraria um exemplar original do romance do início do século XX e se tornaria a responsável pela publicação da terceira edição da obra pela Editora Mulheres. Contudo, faltavam os onze capítulos finais da obra encontrada por Duarte e, por essa razão, ela completou-o com a edição de Colares. Isso nos leva a crer que, dadas as mudanças feitas na edição da década de 1980, as edições d'*A Rainha do Ignoto* hoje disponíveis para o mercado não estão possivelmente iguais às da primeira versão. Essa é uma hipótese que talvez nunca seja comprovada.

Mesmo com tais ressalvas, é importante salientar que, desde o relançamento do romance em 1980, Emília Freitas e sua obra voltaram à baila a partir de novas pesquisas que surgiram posteriormente. O próprio Otacílio Colares, em *Lembrados e Esquecidos* (1977), destaca novas marcas da obra de Freitas, estampando no título de seu artigo as seguintes palavras: *A rainha do ignoto: romance cearense, pioneiro do fantástico no Brasil* (1977, p. 12-51).

Assim, chegamos à segunda década do século XXI com relançamentos d'*A Rainha do Ignoto* feitas por inúmeras editoras como a Wish e a 106. Isso está contribuindo para que a obra da escritora, assim como ela própria, possam ser ressignificadas e revitalizadas dentro do cenário literário nacional.

Uma vez apresentadas a escritora e sua obra-prima, passamos à metodologia que guiou nossa pesquisa e, nas seções subsequentes, à investigação *per se*.

### 3 Procedimentos Metodológicos

A investigação realizada neste estudo é de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivo exploratório, utilizando-se da pesquisa de campo (GIL, 2008), uma vez que foi



desenvolvida com base em dados primários coletados em entrevistas semiestruturadas realizadas com três professores e, por sua vez, pesquisadores da obra de Emília Freitas. A adoção desse procedimento de coleta de dados deu-se a partir dos objetivos traçados. Segundo Triviños (1987, p. 152), a entrevista semiestruturada é

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas dos informantes.

Dessa forma, a entrevista semiestruturada pode proporcionar uma maior liberdade de fala aos entrevistados<sup>4</sup>. A seleção da amostra ocorreu por acessibilidade, tipo que, segundo Gil (2008), seleciona um subgrupo da população ao qual os pesquisadores têm acesso e que pode ser representativo do universo. Assim, foram consultados três professores pesquisadores da obra de Emília Freitas e que estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a republicação de seu *Magnum Opus* nos últimos anos. O Sujeito 1<sup>5</sup> é professor de Literatura da graduação e pós-graduação de uma universidade brasileira, e esteve diretamente envolvido na edição de 2003 do livro. O Sujeito 2<sup>6</sup> também é professor universitário de Literatura e contribuiu indiretamente para a edição da Editora Wish, que foi lançada no ano de 2020. O Sujeito 3<sup>7</sup>, por sua vez, é pesquisador atuante de literatura fantástica, escreveu sua dissertação de mestrado sobre Emília Freitas e colaborou indiretamente com a edição de 2020 da Editora Wish.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) foi utilizada como metodologia de análise de dados das entrevistas, já que se buscou identificar e analisar os conteúdos da mensagem. Nesse sentido, foram realizadas as etapas metodológicas dessa análise e, assim, emergiram as seguintes categorias: processos editoriais, literatura de autoria feminina e literatura fantástica, as quais são descritas e analisadas na próxima seção.

#### 4 Análise de Dados

Conforme supra exposto, a obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, possui uma trajetória editorial bastante peculiar, já que houve um intervalo de oitenta e um anos entre a

<sup>4</sup> É importante esclarecermos que todos os nomes dos Sujeitos de Pesquisa citados neste trabalho assim o estão porque obtivemos o consentimento delas e deles para isso, acreditando que assim daremos ainda maior respaldo e credibilidade ao nosso estudo, uma vez que se trata de investigadoras e investigadores de reconhecida excelência em suas áreas de expertise e que são referência de seriedade e de produções agregadoras para nós que estudamos a Literatura de Autoria Feminina. Agradecemos-lhes a confiança e a colaboração para conosco.

<sup>5</sup> Constância Lima Duarte em entrevista realizada de forma remota no ano de 2020.

<sup>6</sup> Alexander Meireles em entrevista realizada de forma remota no ano de 2020.

<sup>7</sup> Adriana Albert em entrevista realizada de forma remota no ano de 2020.

primeira e a segunda edições; e de vinte e três anos entre a segunda e a terceira, além de estar sendo, desde 2018, publicada por editoras especializadas em literatura fantástica e/ou livros raros – dentre elas, a Editora Wish. Como consequência desse longo percurso, a obra passou por modificações de ortografia, estilo e conteúdo, que provocam discussões até a atualidade, já que não se sabe, ao certo, se a obra à qual se tem acesso hoje em dia inclui todo o texto escrito originalmente por Emília Freitas em 1899.

A transformação mais significativa da obra pode ter ocorrido entre a primeira e a segunda edições, diante das modificações feitas por Otacílio Colares. Já a terceira foi estruturada com base no único exemplar físico restante da primeira edição, que tinha uma qualidade ruim na mancha gráfica e faltavam-lhe onze capítulos. Assim, como supradito, a Professora Doutora Constância Lima Duarte, organizadora da terceira edição, recorreu ao texto da segunda, organizado pelo Professor Doutor Otacílio Colares, em 1980, para a conclusão de sua edição – fato confirmado pelo Sujeito 1, quando afirma que a obra “[...] estava incompleta e eu completei quando encontrei a segunda edição”.

Apesar disso, “[...] esta edição de *A Rainha do Ignoto* corrigiu as intervenções feitas por Otacílio Colares e resgatou o texto original integral de Emília Freitas, mantendo os estrangeirismos, o uso de itálicos e demais elementos ortográficos empregados pela autora.”. (MEIRELES, 2020, p. 11). Essas modificações foram relatadas pelo Sujeito 3, que fez sua primeira leitura na edição de 1980 e, posteriormente, leu a edição de 2003. Segundo ele,

O que eu percebi inicialmente, além das palavras, foram algumas alterações, pequenas em alguns trechos. Acho que houve uma supressão de texto, mas foi uma adaptação para explicar melhor a cena, sabe? Eu não tenho marcado (sic) nos livros quais foram as cenas em específico, mas, até onde eu sei, a obra editada pelo Professor Otacílio está alterada e a edição de 2003 tem uma cena mais próxima do original (SUJEITO 3).

Mesmo pontuando essas diferenças, o Sujeito 3 afirma que durante o desenvolvimento da sua dissertação, estava mais preocupado com o conteúdo da obra do que com o que havia sido alterado no texto. Assim, quando já estava no processo de escrita da sua pesquisa, optou por utilizar, nas citações, o texto da versão de 2003 por essa contar com uma “[...] leitura mais agradável e mais atualizada em relação à questão da Língua Portuguesa.”.

Nesse sentido, vale destacar que, devido à raridade da obra e à potência de seu conteúdo, os debates sobre o estabelecimento do texto nos processos editoriais da segunda e da terceira edições se tornaram secundários, mas não são desnecessários. Assim, considerando o protagonismo da obra no contexto da literatura fantástica e da literatura de autoria feminina,

é válido também pôr em evidência questões relacionadas à sua revitalização e à sua reconstrução ao longo dos seus cento e vinte e três anos de existência.

Sobre essa questão, foi relatado pelo Sujeito 1, diretamente envolvido com a edição de 2003 pela Editora Mulheres, que seu primeiro contato com a obra se deu com uma “[...] edição perdida, perdida assim, encantada, como o Guimarães Rosa costuma falar; comida, desaparecida no meio de estantes de arquivo”, e que, após estudar e interessar-se pela temática, falou com uma colega que teve interesse em editá-la. Nessa época, o sujeito já trabalhava com literatura de autoria feminina na pós-graduação e orientava uma pesquisa sobre Emília Freitas, o que facilitou a tessitura dos textos suplementares, como o da orelha do livro.

Esse contato inicial do Sujeito 1 somente foi possível devido à colaboração em uma pesquisa de autoria feminina, na qual era responsável pelas autoras do Nordeste. Para o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, o entrevistado fez pesquisa de campo em vários estados do Nordeste, inclusive no Ceará, onde teve a oportunidade de conhecer a obra de Emília Freitas mais profundamente. Os resultados desses estudos foram publicados em uma antologia intitulada “Escritoras Brasileiras do Século XIX”, organizada por Zahidé Muzart e publicada pela Editora Mulheres em 1999.

Em relação aos outros dois entrevistados, o seu conhecimento da obra deu-se de forma bem parecida: por meio de pesquisas realizadas no âmbito da literatura fantástica. No caso do Sujeito 2, a obra de Emília Freitas surgiu-lhe na época de seu mestrado, durante o levantamento de pesquisa. Apesar de não fazer uso direto do livro de Emília em sua investigação, o sujeito relata que ficou bastante interessado. Na época, segundo ele, essa foi sua impressão do livro:

Eu li porque fiquei intrigado e porque posteriormente vim a saber que *A Rainha do Ignoto* é a primeira obra de fantasia da literatura fantástica brasileira e também a primeira obra de ficção científica de autoria feminina. Então, ainda que naquele momento eu não fosse pesquisar, eu fiquei interessado (SUJEITO 2).

A descoberta do Sujeito 3, por sua vez, ocorreu, segundo o próprio, “[...] por um golpe de sorte”, já que o livro lhe chegou por intermédio de uma amiga e, desde o primeiro contato, foi visto como objeto de pesquisa. O entrevistado relatou também que, devido à pouca acessibilidade da obra, foi necessário escanear a edição de 1980 para que seu orientador fizesse a leitura.

Quase duas décadas depois dessa edição, o romance de Emília Freitas tornou-se presente em grupos de estudo e de leitura diante de novas publicações que surgiram no

mercado editorial brasileiro. Contudo, é curioso pensar que uma obra publicada há mais de cento e vinte anos tenha levado tanto tempo para assumir espaços preponderantes de discussão, pois como observa o Sujeito 3: “[...] a obra da Emília Freitas, ela (sic) já é de domínio público. As editoras podem reeditar sem problema [...]”. Dessa maneira, é forçoso pensarmos que esse processo não se deu ao acaso e se refletirmos sobre a Literatura não apenas pelo viés da criação literária, mas também a partir da visão de um fluxo relacional de conflitos, poderemos conceber as novas edições d’*A Rainha do Ignoto* como um rompimento de silenciamentos, evitando o chamado memoricídio, como afirma Duarte (2003). Para a teórica, memoricídio é o assassinato da memória, constituindo um processo de invisibilização de sujeitos e de suas produções, especialmente as mulheres. Muitas escritoras que contribuíram para consolidar os primeiros cânones de nossa história literária não estiveram presentes como prioridades nas inúmeras associações e agremiações que surgiram no século XIX em diversas cidades do país.

O Sujeito 2 de nossa entrevista afirma: “É muito sintomático o fato dessas novas edições d’*A Rainha do Ignoto* estarem surgindo aqui nesse contexto do século XXI.”. Esse processo consolidou-se diante da campanha de financiamento da obra *A Rainha do Ignoto*, no segundo semestre de 2019, que seria lançada junto ao romance *A Filha do Rei de Elfland*, de Lorde Dunsany, no box Fantasia Rara, da Editora Wish. E essa não seria a única edição lançada, pois ainda como afirma o Sujeito 2:

Cabe lembrar que no momento que a gente tá (sic) gravando aqui tem, além da Editora Wish, mais três edições: uma que saiu pouco antes da edição da Wish, com uma capa de cor marrom e com uma estátua, que não lembro de qual editora é [106]; depois teve uma outra, que inclusive é de uma editora aí do Nordeste; e no momento que a gente tá falando, não sei se ainda tá (sic) aberto, mas tem outra edição que está no financiamento coletivo (SUJEITO 2, grifo nosso).

Quais seriam, então, as razões que levaram a esse *boom* imediato de inúmeras edições de uma mesma obra? Baseado nessa premissa, o Sujeito 3 de nossa entrevista aponta alguns dos fatores que podem ter contribuído para a revitalização recente do romance de Freitas:

[...] eu não sei te dizer se não foi um golpe de sorte de tanta gente pesquisando ao mesmo tempo. Porque eu fazendo mestrado, a Wish reeditando, as outras duas editoras que lançaram o *e-book*... Não sei se foi golpe de sorte, mas a gente pode fazer uma conexão com mais um movimento de resgate de obras que normalmente são marginalizadas. Esse não é um movimento recente; a gente não vê isso só de 2010 pra (sic) cá; a gente vê isso já mais estabelecido nesse sentido. Tanto que se a gente pensar que em 1980 o Professor Otacílio reeditou a obra, foi a segunda reedição dessa obra, eu acho que a gente pode dizer que o resgate de obras marginais acontece com uma certa frequência, principalmente se a gente pensar que depois dos estudos culturais, pensar em movimentos que resgataram obras de mulheres, obras de autores negros... Nesse sentido que eu quero dizer, não é uma coisa nova. Agora,

eu acho que Emília Freitas vem muito do movimento de firmar a autoria feminina, de resgatar autoras que antes eram só citadas [...] (SUJEITO 3).

Essa ideia de revitalização pode ser percebida na medida em que vemos outras escritoras passando pelo mesmo processo, como a maranhense Maria Firmina dos Reis, muitas delas contemporâneas a Emília Freitas, como a carioca Júlia Lopes de Almeida e a também cearense Francisca Clotilde, dentre outras. Essa revitalização é igualmente complementada pela percepção de se trazer para uma discussão contemporânea não apenas pessoas, mas também temáticas. A literatura fantástica é um dos panos de fundo do romance de Emília Freitas e é considerada pelo Sujeito 2, administrador de um canal no YouTube sobre literatura fantástica, como um tema que vem ganhando cada vez mais espaço no mercado editorial do Brasil. Segundo ele:

[...] esse novo interesse na obra da Emília Freitas, alinhado com todo o momento que a literatura fantástica nacional está vivendo em termos de produção e também de publicação, isso já foi objeto também lá do canal, onde eu mostrei. Foi na época de um debate sobre “Literatura fantástica: vende ou não vende no Brasil?”, que eu fiz um vídeo apontando que tem mais de vinte e cinco editoras independentes, editoras pequenas, no Brasil, e a grande maioria delas trabalhando com literatura fantástica. Ou seja: tem para todos os lados, e nesse processo, as editoras focam nesse resgate de obras raras, sejam obras internacionais, sejam obras nacionais. No caso da Wish, ela faz as duas coisas e foi nesse processo que ela resolveu fazer essa edição d’A Rainha do Ignoto (SUJEITO 2).

O trabalho de revitalização d’A *Rainha do Ignoto*, portanto, parte de um prisma diverso de objetivos. O lançamento da obra é analisado por nossos entrevistados como um entrelace de vários fatores, tendo o Sujeito 3 percebido até mesmo a influência dos Estudos Culturais como precursores dessa percepção, muito provavelmente devido às distintas pautas levantadas pelos Estudos Culturais, tais como diversidade, globalização, inclusão e decolonialidade, entre outras. O Sujeito 2 apresenta uma visão mais local, trazendo o fato de que inúmeras editoras independentes e não vinculadas a grandes conglomerados editoriais estão constituindo novos panoramas acerca das edições de livros no Brasil, reeditando obras raras, valorizando temáticas não muito populares no país, como a literatura fantástica, além de possibilitarem novas oportunidades a autores desconhecidos, sejam eles contemporâneos ou não. Ainda uma outra opinião é expressa sobre as condições que levaram o romance a voltar às prateleiras: o caráter qualitativo da obra, como expressa pelo Sujeito 1:

A primeira questão é pela qualidade da obra. Quando a gente encontra quinze escritoras contemporâneas dela, ela se destaca. A qualidade, a originalidade da obra se destacam. Essa novidade que o livro traz é que fez com que fosse reeditado. Instigou outras pessoas a estudar. Imagina, em 1899, uma mulher, uma escritora cria uma sociedade utópica de mulheres. Imagina: não há isso em outra literatura. Uma sociedade utópica em (sic) que é governada por uma rainha, cercada de mulheres,

mulheres que vão se juntando a ela, mulheres que foram espancadas, maltratadas., Então há uma denúncia sutil dessa opressão feminina. Elas eram livres para fazer e ser o que quisessem. Tem as engenheiras, as advogadas, tudo! Ela cria uma sociedade utópica que não existia. As mulheres não eram nada nesse período, não podiam ser nada, não podiam votar, não podiam trabalhar fora, mal eram professoras primárias. Se o pai permitisse, se o marido permitisse. Então, vem a qualidade. Eu acho que a palavra é essa: a qualidade do texto; a originalidade da sua obra é que fez com que ela renascesse e estivesse presente ainda hoje sendo objeto de estudo de vocês (SUJEITO 1).

Isso coaduna com o pensamento de Valerie Ketterer (1996), estudiosa de mulheres intelectuais no Ceará e que analisa o romance de Emília Freitas também sob uma visão de ineditismo para o contexto da época:

*A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, é o romance mais curioso e inovador. Aliás, a autora tem consciência de sua originalidade, ao declarar ao leitor que seu livro “não tem padrinhos, assim como não teve molde”, mas é “antes de tudo a cogitação íntima de um espírito observador [...] que [...] procurou [...] estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa”. [...] Considerado como um “pioneiro do fantástico no Brasil”, este romance é notável por sua forma como o tema é abordado: a Rainha proclama-se espírita – e confessa que perdeu a fé cristã –, tem preceitos republicanos, abolicionistas – vai libertar uma centena de escravos maltratados numa fazenda de Pernambuco – e dirige uma sociedade feminina e feminista, onde as mulheres exercem as mais diversas profissões (doutor, mecânico, general, engenheiro). (KETTERER, 1996, p. 105-106).

Levando em consideração o processo de silenciamento que o romance passou e sua posterior retomada no mercado editorial brasileiro, o Sujeito 1 ainda salienta o percurso pelo qual o romance também passou nas últimas décadas, dentro dos próprios centros de Ensino Superior, revelando um movimento de revitalização contemporâneo que perpassa diversos espaços, retroalimentando-se em inúmeros núcleos de socialização da Literatura: clubes de leitura, editoras, Ensino Superior, etc. A partir disso, o Sujeito 1 revela o novo caráter que a crítica literária assume no Brasil, fazendo com que a Academia reconsidere o próprio conceito de cânone:

[...] O trabalho da crítica literária hoje (que antigamente havia os críticos literários dos jornais) acabou. Hoje a crítica literária se faz na Academia, nas teses, nas dissertações, nas monografias. Essa é a crítica literária e é essa crítica que tá (sic) fazendo circular as novas escritoras (SUJEITO 1).

Destarte, segundo o Sujeito 1, Emília Freitas e sua obra precisaram conquistar um espaço de reconhecimento dentro da Academia, não se limitando apenas a editoras. Isso seria necessário para uma legitimação da presença de nossa autora e como as análises constituídas a partir de sua obra demonstraram receptividade no crivo acadêmico e sua possível consolidação. Essa interligação de fatores, unindo espaços informais de leitores é apontada



por Antônio Cândido (2019) como uma base analítica em quatro segmentos: “[...] a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.”. (CANDIDO, 2019, p. 31).

Portanto, o que Emília Freitas produziu há tanto tempo, consoante Cândido (2019) nos pontos a, b e c, constitui novos espaços de socialização que recebem sua obra hoje, ressaltado pelo autor no ponto d. Todavia, entre o núcleo de criação literária e a recepção, há um processo de curadoria e produção editorial centrado na figura das editoras, constituindo-se em espaços de disputa, submetidas a influências, e também podem estabelecer-se como possíveis indicadores de tendências. É o que sugere, por exemplo, nosso Sujeito 2, ao afirmar a tendência de diversas editoras independentes voltadas à literatura fantástica, tais como a Editora Wish.

Para essa edição de 2020 de *A Rainha do Ignoto* por essa editora, a professora e pesquisadora de literatura de autoria feminina Constância Lima Duarte recebeu agradecimentos por sua contribuição no livro, como expresso pelo Sujeito 3, responsável pelo posfácio da obra e que relata, conforme as informações, que a entrevistada conseguiu com as responsáveis pela editoração do romance:

Elas me relataram que foram atrás da obra e não encontraram em lugar nenhum também, até que ela descobriu que tinham três exemplares na faculdade delas. Dois não estavam disponíveis e um estava na parte reservada da faculdade, que é onde eles guardam as obras. Então foi feito um pedido e fotografou (sic) página por página do livro, para ter (sic) acesso ao conteúdo e depois disso elas começaram a digitar o conteúdo, mas a partir das fotos, porque o livro não podia sair da faculdade e não tinha o material digital para trabalhar, e ela me explicou que durante o processo de edição, de contato com a obra, ela conseguiu falar com a professora que editou a edição de 2003, a professora Constância Duarte, pra (sic) ver se ela tinha o arquivo digital. O que eu sei é que na edição da Wish eles fizeram uma atualização, de acordo com o novo Acordo Ortográfico e, no caso, o que eles fizeram foi manter o mais próximo possível do original, só fazendo os ajustes do acordo, de gramática, de português para se tornar mais palatável para nós enquanto obra (SUJEITO 3).

Ainda podemos perceber nesse relato a questão das pequenas diferenças entre as narrativas das edições, que passaram por leves mudanças. A edição de 2020, da Wish, segue um caminho semelhante ao traçado pela edição de 2003, da Editora Mulheres, e que abriu espaço para que, principalmente, as edições contemporâneas pudessem ser levadas ao público novamente.

## 5 Conclusão

Assim, ao longo de todo o intervalo que ocorreu entre a edição d'*A Rainha do Ignoto* de 2003, pela Editora Mulheres, e a de 2020, pela Editora Wish, pudemos perceber uma reconfiguração sobre o próprio *status quo* do romance em relação à sua receptividade desde 1899. Ela conquistou espaços de discussão e consolidou-se, ainda que de maneira esparsa, em lugares específicos, nos quais foi estudada e discutida e isso, muito provavelmente, tem contribuído, juntamente com os fatores apontados, para um movimento de revitalização de obras olvidadas, escritas por mulheres brancas e negras e autores negros, por exemplo, além de um constante lançamento de obras da literatura fantástica promovidas, em sua maioria, por editoras independentes.

O caráter subjetivo voltado à qualidade do romance e seu ineditismo em relação ao período em que foi lançado também podem ser considerados como outros fatores importantes para o estabelecimento d'*A Rainha do Ignoto* como uma produção literária presente em novos espaços de socialização da Literatura. Portanto, essa se desenvolve em um âmbito flutuante de fatores que perpassam a criação artística e as relações sociais, sendo moldada pelo tempo e pelos sujeitos inseridos nesse processo, filtrando suas experiências com base em suas escolhas pessoais, político-ideológicas e estéticas. Antonio Candido (2000) consolida a ideia da Literatura Brasileira como um sistema, afirmando que, para além de denominadores internos como a língua, temas e imagens, temos ainda elementos de natureza social e psíquica literariamente organizados.

Concluimos, por conseguinte, que a Literatura se caracteriza não apenas como um processo de criação imaginativa e subjetiva, mas também como um sistema complexo inter-relacional de trocas (sejam de vivências, leituras, criações e, principalmente, receptividades e reprovações). A ascensão da obra de Emília Freitas mais de cento e vinte anos depois de sua primeira publicação é sintomática desse processo, repercutindo a ideia de como a culminância de escolhas dentro da Literatura perpassa um limbo de subjetividades e relações de poder.

Dessa maneira, pudemos constatar, diante das discussões geradas a partir das entrevistas coletadas, que o romance *A Rainha do Ignoto* vem se estabelecendo, junto a outras obras, como uma produção literária conectada à nossa temporalidade e que foi olvidada a partir da formação desse sistema literário brasileiro, que engendrou outras formas estéticas e sociais predominantes, encobrendo sujeitos e obras aquém dos interesses dos mecanismos inter-relacionais de saber e de composição literária de distintas épocas.

Sendo uma obra do século XIX, o romance de Emília Freitas ainda reproduz discursos que podem ser pensados na atualidade e que são reavivados e ressignificados por meio de um novo olhar e de um novo passo em nome da Literatura Brasileira.

## Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos – 1º volume (1750-1836)*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e vida social. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2019, p. 27-50.
- CASTRO, Carla. Emília Freitas. In: CASTRO, Carla. *Resquícios de Memória: Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século Dezenove*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019, p. 161-183.
- CAVALCANTE, Alcilene. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008.
- COLARES, Otacílio. A Rainha do Ignoto: romance cearense, pioneiro do fantástico no Brasil. In: COLARES, Otacílio. *Lembrados e esquecidos III: ensaios sobre literatura cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1977, p. 12-51.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil In: *Estudos Avançados*. v. 17, n. 49, São Paulo, set.-dez., 2003.
- FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto*. 3 ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KETTERER, Valérie. Mulheres de Letras no Ceará (1880-1925): dos Escritos à cena pública. *Revista de Letras*. v. 18, n. 2, 1996.
- MARQUES, Rodrigo. *Literatura cearense: outra história*. Fortaleza: Dummar, 2018.
- MEIRELES, Alexander. O fantástico ignoto de uma rainha. In: FREITAS, Emília. *A Rainha do Ignoto*. São Caetano do Sul: Wish, 2020.
- WOOLF, Virgínia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L & PM, 2020.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## La revitalización de la novela *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas: contexto y perspectivas

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar el rescate de la primera novela brasileña de la literatura fantástica, *A Rainha do Ignoto*, de la escritora Emília Freitas, que nació en Ceará, desde la perspectiva de tres investigadores involucrados en las últimas publicaciones de esta obra. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas a los sujetos de la investigación y los datos de esta recopilación se analizaron según el Análisis de Contenido de Bardin (2016), anclándonos teóricamente en Cândido (2019), Cavalcante (2008) y Duarte (2003), entre otros. Concluimos que tanto los obstáculos como los factores para la repercusión de la novela como obra literaria en el escenario nacional permean factores sociales y políticos y que la producción de Emília Freitas puede ser pensada hoy, cuando son revividos y resignificados según una nueva mirada a la literatura brasileña.

Palabras claves: *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; Literatura de autoras femeninas; Literatura fantástica; Revitalización.

## La revitalisation du roman *A Rainha do Ignoto*, d'Emília Freitas: contexte et perspectives

### Résumé

Cet article vise à enquêter sur le sauvetage du premier roman brésilien de la littérature fantastique, *A Rainha do Ignoto*, de l'auteur Emília Freitas, du Ceará, du point de vue de trois chercheurs impliqués dans les publications les plus récentes de ce travail. À cette fin, des entretiens semi-structurés ont été réalisés avec les sujets de recherche et les données de cette collecte ont été analysées selon l'analyse de contenu de Bardin (2016), nous ancrant théoriquement dans Cândido (2019), Cavalcante (2008) et Duarte (2003), entre autres. Nous concluons que les obstacles et les facteurs de la réverbération du roman en tant qu'œuvre littéraire dans le scénario national imprègnent les facteurs sociaux et politiques et que la production d'Emília Freitas peut être pensée aujourd'hui, lorsqu'ils sont ravivés et resignifiés selon un nouveau regard sur la littérature brésilienne.

Mots-clés: *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; Littérature d'auteurs féminins; Littérature fantastique; Revitalisation.

## The revitalization of the novel *A Rainha do Ignoto*, by Emília Freitas: context and perspectives

### Abstract

This article aims to investigate the rescue of the first Brazilian novel of fantastic literature, *A Rainha do Ignoto*, by Emília Freitas, who was born in Ceará, from the perspective of three researchers involved in the most recent publications of this novel. Therefore, semi-structured interviews were conducted with the research subjects involved and the data from this collection were analyzed according to Bardin's Content Analysis (2016), theoretically anchoring our considerations in Cândido (2019), Cavalcante (2008) and Duarte (2003), among other scholars. We conclude that the obstacles and the factors for the reverberation of the novel as a literary work within the national scenario permeates social and political factors and that Emília Freitas' production can be thought today, when they are revived and re-signified according to a new look at Brazilian Literature.

Keywords: *A Rainha do Ignoto*; Emília Freitas; Female Authorship Literature. Fantastic Literature. Revitalization.